

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

106)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MAIO 11, 1839)



VISTA DA CIDADE DE HANOVER.

O NOVO REINO D'HANOVER.

QUANDO Jorge 1.^o subiu ao throno de Inglaterra ajunctou com a corôa da Graã-Bretanha a soberania dos seus estados hereditarios na Alemanha; e foi simultaneamente rei d'Inglaterra, e eleitor d'Hanover. Este dominio reunido proseguiu em seus successores por cento e vinte e tres annos, e acabou com o fallecido Guilherme 4.^o—O eleitorado d'Hanover que pelo tractado de Vienna de 1815 fôra convertido em reino, que entra na confederação germanica, tem hoje o seu primeiro rei na pessoa d'Ernesto Augusto, o duque de Cumberland, e tio da actual rainha Victoria.

Este novo estado é uma monarchia representativa, onde ultimamente tem occorrido dissidencias por causa da lei fundamental, que se leem nos jornaes politicos. Tem de superficie 820 milhas alemãs [*], dividida em oito provincias, e alguns districtos adjunctos. A população calcula-se em milhão e meio d'habitantes. Ao norte da cidade d'Hanover, hoje a capital e residencia da corte, o paiz em geral é baixo, com vastos espaços de planicie arenosa, e quantidade de paúes impenetraveis; mas para o sul e leste da cidade o terreno é melhor e bem cultivado. A agricultura e a criação dos gados são as principaes occupações do povo. As montanhas de Deister, Solling e Sintel, e innumeraveis cabeços de menor mon-

ta, variam o aspecto do paiz, e pela maior parte são cubertas de copiosas e dilatadas mattas de carvalhos, faias, e pinheiros, que constituem um manancial de opulencia e commodidades para o reino. Os rios facilitam a communicação ao commercio e ás manufacturas; e posto que os naturaes são mais agricultores do que commerciantes, não lhes falta comtudo o espirito de especulação mercantil. O producto das minas de Harz, incluindo o ouro e prata cunhados, avalia-se pouco mais ou menos em quatro milhões de cruzados annualmente: a maior parte desta somma gasta-se no mesmo districto, em melhorar as obras das minas, e em sustentar uma população de 30:000 almas, dependente dos estabelecimentos de mineração. O chumbo, e o cobre são os metaes que principalmente se exportam, a que se deve accrescentar nestes ultimos tempos uma porção de chapa de ferro. Na cidade d'Hertzberg ha uma vasta e bem dirigida fabrica d'armas de fogo, de superior qualidade. Juncto a Celle ha um grande estabelecimento de sedar e fiar linho; e os camponezes desta provincia fazem proveitoso negocio com a criação d'abelhas, e expedem para fóra muita cera bella, em velas &c. Nas serras de Solling tem um particular uma fabrica de vidros em ponto grande, e o governo outra semelhante em Osterwald. O sal é um ramo de commercio lucrativo para os habitantes e para os rendi-

(*) As milhas alemãs são de 16 ao grau.

mentos publicos. Manufactura-se boa louça de barro, e tambem de porcelana, muito soffivel, em Duingen, e polvora d'excelente qualidade em Aerzen e Bomlitz. Os gados são copiosos em todo o reino, e os cavallos de boa raça cuidadosamente conservada: todos os annos saem das cavalhariças reaes para diferentes provincias com cavallos dos melhores para perpetuar e melhorar as raças. Os agricultores sabem cultivar bem, e tem geralmente amplas colheitas de trigo, linho, canhamo, e tabaco, que são os principaes objectos da sua cultura. Os impostos, no actual tempo de paz e fortuna, são comparativamente diminutos e pouco onerosos.

A cidade d'Hanover, cuja vista offerecemos aos leitores, está situada sobre o Leine; foi por muito tempo de pouca importancia, e apenas considerada como a cabeça da provincia de Calemburg: mas quando em 1650 esta se converteu em principado soberano, em favor de João Friderico, terceiro filho do duque de Luneburg, passou a ser residencia de varios principes da casa de Brunswick. João, o primeiro duque d'Hanover, construiu aqui o seu palacio e augmentou a cidade; foi porém Ernesto Augusto, seu irmão, quem a engrandeceu e aformoseou com muitos edificios publicos e particulares de grande belleza e gosto, mandando vir, para tal fim, da França e da Italia architectos e esculptores. O paço e jardins de Herrenhausen, cujas obras elle dirigiu em pessoa, e que distam da cidade cousa d'uma milha, são na verdade magnificos. Com tantos melhoramentos a população cresceu, durante os dezenove annos de seu governo, por tal fórma que se construiu da outra banda do Leine uma nova cidade, mais bella e regular que a antiga; e ao presente Hanover se divide em nova e velha, que entre si communicam pelas pontes erectas sobre o rio. Os palacios reaes, e alguns da nobreza, a igreja de Neustadt, o arsenal, a casa da opera, a casa do club, a livraria publica, de que o celebre Leibnitz foi bibliothecario, são edificios mui notaveis desta cidade; egualmente o são as cavalhariças reaes, a obra mais pomposa da Europa neste genero; porque os principes hanoverianos, que as edificaram, sempre foram muito inclinados á equitação e a caudelarias.

E' prohibido mendigar publicamente nas ruas de Hanover, e de outras cidades do reino. O systema das prisões é excellente e muito superior ao d'Inglaterra, segundo a confissão d'um escriptor inglez: os presos são tractados com toda a humanidade. A casa de correcção em Celle, e o estabelecimento industrial em Hildesheim fazem honra ao paiz. Os sentenciados empregados nas obras publicas em Stade e Hameln são tractados optimamente, e quando o governo não carece de os occupar, lhes é permitido trabalhar para os habitantes, sendo regularmente pagos por um jornal estabelecido. Os pobres são sustentados por sommas com que contribue o estado, e n'alguns districtos, por um imposto, ou multa sobre os que entram ou saem da cidade depois de certa hora da tarde.

Hanover padeceu muito, e ficou extremamente arruinada em consequencia das guerras contra Napoleão em 1813 e 1814; mas depois se tem restaurado, os seus edificios estão reparados, e continua no caminho da prosperidade.

A educação está muito espalhada por todo o reino: não ha parochia que não tenha escola publica, bem dirigida e assaz frequentada. Na capital ha uma escola normal gratuita para os que se destinam á profissão de mestres. A universidade de Gottinga é o principal estabelecimento litterario, e que tem grangeado merecida reputação na Europa; foi fundada

por Jorge 2.^o, em 1737, e muitos homens celebres a tem successivamente illustrado. Em philosophia e historia natural é bem conhecido o nome do sabio professor Blumenbach, que julgamos ser ainda vivo; e Haller, o principe dos physiologistas, ensinou nesta mesma academia.

A religião estabelecida no paiz é a lutherana, á excepção das duas provincias de Hildesheim e Osnaburg, que são catholicas, e foram episcopados soberanos. O bispo de Osnaburg, ou Osnabruck, é agora meramente uma dignidade ecclesiastica, e o mesmo o successor do ultimo bispo-principe de Hildesheim; ambos estes prelados gosam de rendas adequadas ao seu cargo espirital; e ambos tem assento na primeira camara dos estados-geraes.

O Hanover é um reino aberto por todos os lados a uma invasão inimiga; e fallhando as negociações diplomaticas, só pôde manter a sua independencia por uma força militar bem organizada, e por uma estreita e cordial alliança com Inglaterra. O seu exercito, em o anno preterito, compunha-se de um regimento de artilheria a pé e duas baterias montadas, um corpo d'engenheiros, quatro regimentos d'hussares, quatro de cavallaria pesada, dois dictos das guardas de pé, e dez de infantaria regular, afóra a landwehr, ou milicia nacional.

Os hanoverianos distinguem-se por sua acrisolada lealdade.

DOS PRODUCTOS INDUSTRIAES DO MILHO.

Artigo I.

Não pertendemos tractar da cultura do milho [*zea mays* de Linneu], planta preciosa com que nos brindou o Novo Mundo, segundo a opinião de respeitaveis agronomos e historiadores, tanto por não entrar no quadro do Panorama, como por ser, ha seculos, conhecida em Portugal, e practicada mui em grande em algumas de suas provincias, conseguindo-se uma colheita de grão, que em geral excede o dobro, e não poucas vezes o triplo do que produzem outros cereaes. Limitar-nos-hemos pois a fazer conhecer productos, alguns dos quaes posto que tivessem sido conhecidos, todavia não se lhes deu até hoje a attenção que merecem, talvez por se julgarem de pouca vantagem para o cultivador.

Com effeito a industria sabe hoje tirar desta planta, além dos productos agricolas, outros a que o Dr. Pallas dá o nome d'industriaes, e isso sem se tolher a colheita do grão. Estes productos são *assucar, mellasso, agua-ardente e papel para embrulho*, fabricado com os residuos da cana que forneceu os primeiros.

A presença de uma materia assucarada na cana do milho, ha muitos seculos que havia sido conhecida, pois sabe-se que já antes da descoberta do Novo Mundo, os mexicanos, e os peruvianos espremiam as canas do milho entre dois cylindros para extraírem o succo, que, tractado pelo fogo, dava um xarope concentrado, de que obtinham assucar, designado pelos hespanhoes mel de milho, *miel de canazote de mays*.

Em epocha muito mais moderna se fizeram repetidos ensaios e experiencias para se conhecer se a cana do milho forneceria, com effeito, uma quantidade tal d'assucar que merecesse a pena do seu fabrico em grande, e muitos foram os chimicos que se deram a esse trabalho, comprazendo-nos citar entre outros o illustre Parmentier, cuja perda ainda hoje lamentam a sciencia e a humanidade, pelos assignalados serviços que, em toda a carreira da sua vida, elle prestou ás sciencias chimicas e economicas. E' verdade que antes d'elle já alguns chimicos haviam

feito eguaes ensaios, todavia foi Parmentier o primeiro, que publicou um trabalho regular acerca dos meios de se obter assucar da cana do milho, havendo comprehendido em 1784 uma serie d'experiencias, de cujo resultado fez o objecto d'uma Memoria, que foi coroada pela Academia das Sciencias de Bordéas. Incansavel em tudo quanto podia contribuir para o bem estar da humanidade, repetiu, variou e continuou as suas experiencias para descobrir quaes os individuos do reino vegetal, que poderiam vir em socorro da França com os seus productos saccharinos na desgraçada epocha do bloqueio continental; o resultado de todos estes trabalhos foi publicado em 1810 debaixo do titulo = *Sirops et Conserves de raisin.* =

Apesar dos trabalhos e ensaios de tantos e tão abalisados chimicos, e apesar de ser por elles conhecido o processo de Nairholt, de Gratz na Baixa Styria, que de vinte mil canas de milho obtivera 440 arrateis de xarope, podendo dar de assucar cristalizado de 110 a 146 arrateis, e de melasso de 290 a 325 arrateis; o resultado daquelles não satisfiz as necessidades nem as esperanças que se haviam concebido, o que, no entender de muitos, procedeu da persuasão em que estavam de que este principio immediato não se encontrava na planta senão na epocha da sua florescencia, e por conseguinte antes da madureza do grão, que tinha de sacrificar-se para se obter o mais das vezes um xarope de qualidade inferior, e que não cristalisava. O receio de se perder uma colheita certa em grão, para se obter tão pequena porção d'um assucar incristalizado, era tal que Parmentier não hesitou a declarar—“Havemos annuciado segundo a analyse, que o milho, entre outros principios, continha assucar; este porém é em tão pequena porção, e o processo para extraí-lo é tão dispendioso, que fôra ridiculo indicar este producto da analyse como podendo tornar-se um recurso neste genero, por se dever renunciar então outro mais essencial, o de alimentar.” —

A fabricaçãõ em grande do assucar extraído da cana do milho foi em consequencia abandonada, e e mesmo esquecida, e tanto que a maior parte dos mais celebres chimicos francezes não faz menção alguma della nas suas obras.

A opinião de tão abalisados chimicos não sendo favoravel a este novo ramo de industria, muito contribuiu para que outros não tentassem examinar se a falta de bom resultado deveria ser attribuida á natureza da planta, se á imperfeição dos processos até então postos em practica, e as cousas ficariam neste estado se o Dr. Pallas, medico em chefe do hospital militar de S.^t Omer, em França, não se desse ao cuidado d'examinar de novo um assumpto, ha tanto tempo abandonado, como pouco proveitoso ao cultivador.

Com effeito os seus trabalhos, que principiou em 1834, demonstram a possibilidade d'extraír do milho, além do grão, assucar e papel, e em proporção tal que a sua fabricaçãõ em grande não deixará de ser proveitosa aos que a emprehenderem. Elle nos diz—Reputo-me feliz por poder annunciar que, operando-se, como logo indicarei, poderá conservar-se aos povos o grão de que se alimentam, e procurar-lhes, de mais a mais, com pequena despeza, uma porção tal de assucar, que na maior parte dos casos poderá substituir o da cana, ou de betarrava.

É verdade que os ensaios preliminares a que o Dr. Pallas se consagrou não apresentaram resultados tão vantajosos como os posteriores, todavia elle os repetiu e continuou, e a final pôde tirar as seguintes conclusões:

1.^o Que a cana do milho que conservar ainda

sua força de vegetaçãõ, e cujo grão tiver amadurecido, contém, pelo menos, 6 por cento de xarope, cosido a 40 grãos fervendo, de que uma parte é susceptivel de cristalisar, e produzir assucar o mais analogo possivel ao da cana, *arundo saccharifera.*

2.^o Que o assucar do milho é sempre liquido e incristalizado antes da fructificaçãõ, tornando-se concreto, e adquirindo mais consistencia desde esta epocha até a perfeita madureza do grão.

3.^o Que o momento mais favoravel para obter a maior porção e a melhor qualidade d'assucar cristalizado, é aquelle em que a planta tiver adquirido todo o seu desinvolvimento, isto é, immediatamente depois da colheita do milho.

4.^o Que o melasso do assucar do milho tem um gosto agradavel que o caracteriza, podendo rivalisar com o das fabricas de refinar assucar;

5.^o Que o residuo do parenchyma, depois da extracção do assucar, é susceptivel de sustentar gado e bestas, e de servir para se fabricar papel de embrulho; fornecendo cem arrateis de canas já espremidas trinta a trinta e cinco por cento deste parenchyma, que, segundo M. Hudelist, tem o valor de 4 a 5 fr. os cem arrateis.

Os resultados obtidos pelo Dr. Pallas provam, pois, com toda a evidencia, que a materia assucarada contida na cana do milho é mais abundante depois que antes da fructificaçãõ, sendo susceptivel de fornecer, por um processo de operaçãõ, que differe mui pouco daquelle que se emprega para a extracção do assucar da betarrava, verdadeiro assucar concreto, cujas propriedades são identicas ás do assucar de cana.

“Comparando-se o producto das nossas experiencias, diz elle, com o que se tem feito precedentemente em França sobre o mesmo objecto, achar-se-ha notavel differença em favor dos nossos resultados, pois que obtenho muito mais, e com muito menor despeza. O motivo consiste menos no methodo de operar, do que na epocha em que convém submeter a cana do milho á experiencia.”

O Dr. Pallas, não tendo feito deste assumpto um simples objecto de curiosidade, submetteu o resultado dos seus ensaios ao criterio das duas corporações scientificas de París, as mais respeitaveis, a Academia Real das Sciencias, e a Sociedade Promotora da Industria Nacional, apresentando a ambas, com os productos por elle obtidos [*], memorias descriptivas dos seus processos e resultados. É verdade que o relatorio da primeira não foi tão favoravel como era de esperar, todavia elle não desanimou; e tanto que, continuando os seus trabalhos, chegou a resolver não só a questãõ scientifica, mas tambem a industrial e economica, como evidentemente o demonstra na obra que publicou em 1837 debaixo do titulo = *Recherches historiques, chimiques, agricoles et industrielles sur le mais &c.*, de que nos havemos servido para fazer este extracto, limitando-nos a dar por ora esta noticia, reservando para outro artigo a descripção dos processos por elle postos em practica para a extracção do assucar da cana do milho, e fabricaçãõ de papel para embrulho.

A cultura do milho acha-se entre nós mui generalizada, e com especialidade na provincia do Minho: aos cultivadores desta rica provincia dirigimos pois esta noticia, na esperanza de que elles se utilizarão dos trabalhos do Dr. Pallas, tanto mais attendiveis,

(*) Com certeza sabemos que o Sr. F. J. Pereira Rubião pôde obter em 1836 na secretaria da Sociedade Promotora da Industria Nacional de París parte das amostras d'Assucar, tanto bruto, como em pedra, e de melasso, agua-ardente e papel, que alli havia apresentado o Dr. Pallas, cujas amostras aquelle offereceu á Sociedade Litteraria do Porto para que tomasse este objecto em devida consideração, o que esta fez nomeando uma comissãõ para repetir os ensaios feitos pelo Dr. Pallas, os quaes por motivos que occorreram em 1837 não puderam ter lugar.

quanto pondo-se em practica os seus processos, de modo algum se altera, com pequenas excepções, o modo de cultura, nem tão pouco se tolhe a colheita do milho, e muito menos se impede a cultura do feijão, que alli se costuma semear por entre aquella planta, conseguindo-se duas colheitas simultaneas.

“Se se considerar, diz o Dr. Pallas, que pelo processo por mim practicado, a colheita do milho é quasi tão abundante, como se fosse cultivado para esse unico fim; se se reflectir que a sua cultura occupa já uma grande parte do solo francez, e que na Italia constitue a principal, convencer-nos-hemos que este objecto é de grande importancia, e não para desprezar os seus effeitos.”

Se para se obterem os productos industriaes do milho, houvesse mister sacrificar-lhes a colheita do grão, de que os povos, principalmente os de nossas provincias do norte, fazem o pão de que se alimentam, de modo algum publicariamos esta noticia, e muito menos aconselharíamos este novo ramo de industria; ficando porém intacta, não podemos deixar de recommendar este assumpto, que tantas vantagens promete ao cultivador, como cada um se convencerá, quando tractarmos, em outro artigo, dos processos recommendados pelo Dr. Pallas; por em tanto transcreveremos as conclusões que elle tirou das suas observações, ensaios e experiencias.

“Do que precede, diz elle, resulta, segundo a observação dos factos e de numerosas experiencias;

1.^o Que a cultura do milho póde estender-se ao norte da linha traçada por Arthur Young; podendo ser practicada com successo no norte da França, particularmente no departamento do Pas de Calais, como nos demonstraram nossos ensaios;

2.^o Que a cana do milho, contra a opinião geralmente admittida, que o instituto partilha, contém, depois da colheita do grão, assucar cristalizado, identico ao melhor assucar de cana, cuja porção não é inferior a dois arrateis por cento de canas, privadas de suas raizes, de suas folhas e de suas paniculas, e além deste, 4 por 100 de melasso de muito bom gosto.

3.^o Que a polpa ou parenchyma da cana do milho, de que se tiver extrahido a materia assucarada, póde servir para se dar aos animaes, ou melhor ainda, para se fabricar papel commum, forte, solido, naturalmente collado, e que no commercio rivalisará com o melhor papel d'embruho. Que este papel de simples e facil fabrico, póde ser aperfeiçoado, e adquirir com a sua qualidade um valor superior ao que actualmente tem.

4.^o Que o melasso bruto do milho póde converter-se pela fermentação em alcool, que, não tendo o gosto desagradavel daquelle que se obtem do melasso da betarrava, apresenta pelo contrario um sabor agradavel e tão particular, que imita a cachaca da Jamaica.

5.^o Que o assucar do milho, bem como os de cana e de betarrava, póde passar sem difficuldade alguma e sem mais despezas por todas as operações por que se faz passar o de cana, apresentando todos os grãos intermediarios entre o assucar bruto e o de pão ou pedra, perfeitamente branco.

6.^o Que a saccharificação da materia assucarada do milho augmenta e aperfeiçoar-se pelos progressos da vegetação, coincidindo felizmente a melhor qualidade e a maior porção d'assucar contido na cana desta planta com a epocha da vegetação, em que o grão tocou a sua completa madureza, que não se deve confundir, como geralmente se faz, com a exsiccação da planta, estados que se manifestam em duas epochas mui differentes, e da rigorosa observação dos quaes depende todo o bom exito da operação.

7.^o Que um hectaro de terra, ou 94:000 pés quadrados, semeado de milho a dezoito pollegadas entre os pés e os regos, póde produzir, em França, termo medio,

Productos agricolas.

1. ^o Grão	45 hectolitros [1]
2. ^o Forragem secca	2500 kilogrammos [2]
3. ^o Folhagem para enxergões	600 d. ^{os}
4. ^o Espigas debulhadas	2200 d. ^{os}
5. ^o Canas frescas e esfolhadas	6500 d. ^{os}

Productos industriaes.

Os productos industriaes que se podem tirar das canas frescas, são:

1. ^o Assucar bruto	130 kilogrammos
2. ^o Melasso	260 d. ^{os}
3. ^o Polpa ou parenchyma	2275 d. ^{os}

Estes dois ultimos productos podem fornecer, um 260 litros [3] d'alcool, e o outro 910 $\frac{1}{2}$ kilogr. de papel commum.”

Terminaremos este artigo dizendo com o Dr. Pallas: “Offerecemos este trabalho á attenção de todos os que se occupam d'agricultura, das sciencias e da industria, e posto deixe ainda que desejar, todavia elles verão que apresenta resultados muito mais satisfactorios que tudo quanto se fez precedentemente a este respeito; resultados de que a agricultura e o commercio poderão tirar grande partido, porque sem se tolher a colheita do milho, a sua cana fornecerá muito bom assucar, e uma substancia lenhosa assaz abundante, com a qual se poderá fabricar papel commum.” — *F. I. P. Rubião.*

MODO SINGULAR DE SE EMBRIAGAR.

Os HABITANTES das montanhas do paiz de Petchit, no sertão da India, tem certo licor azedo e detestavel com que se embebedam. Fazem-no d'arroz, mas sem lhe misturarem assucar. Esta bebida é esbranquiçada e differe muito da arak. Eis como a bebem: assenta-se o bebedor no chão, com a cabeça erguida para traz, e a boca aberta. Outro homem, em pé, e posto de lado, tem na mão um vaso cheio do tal licor, o qual vaso é de um particular feitio. Com elle lhe vac vasando o liquido dentro da boca sem parar até que o bebedor, já attestado, caia de costas. Este é o maior divertimento daquelle boa gente. — *N. Ann. des Voyages.*

A LUA E A RUSSIA.

No SETIMO quaderno da sua *Correspondencia Astronomica* o barão de Zach demonstra que o territorio do imperio russo é mais extenso que todo o continente da lua, uma vez que neste planeta os mares cubram dois terços da superficie total, como succede no nosso.

Nem longo, nem difficil é o calculo. O diametro da lua é de 983 leguas; por consequencia a sua superficie é de 2:505:261 leguas quadradas. Tirando-se-lhe dois terços, ficam 835:087 leguas quadradas de continente. Ora a Russia, segundo a estatistica de 1818 estende o seu dominio por uma superficie de 953:972 leguas quadradas. Tem, por consequencia mais 123:885 leguas quadradas que o continente lunar; não mettendo nesta conta aquellas regiões da America do norte, que estão sujeitas á auctoridade do Czar.

Destruição dos vermes da terra. — Posto que os vermes da terra (*lumbricus terrestris* Lin.) nenhum

(1) Um hectolitro corresponde a 7,24 alqueires de Lisboa.
(2) Um kilogrammo equivale a 2 lb. . . 2 onças . . 6,86 oitavas.
(3) Um litro corresponde a 2,82 quartilhos de Lisboa.

mal fazem ás plantas, dão, todavia, muito que fazer aos jardineiros, e ás pessoas que teem a seu cargo conservar o aceio de pateos calçados, e das ruas dos jardins; porque todas as manhaãs alevantam montículos de terra, que é preciso tirar. Podem-se destruir n'um dia milhares delles com a seguinte receita, tambem utilissima para os pescadores, que andam ás vezes dias inteiros em procura destes vermes, de que se costumam servir para iscar os anzóes.

Em tres onças d'agua forte deitem-se seis drachmas de azougue: quando este estiver dissolvido deite-se em um regador com oito ou dez canadas de agua de chuva ou de rio, depois com uma vassoura borri-se o sitio por onde apparecem signaes de haver os vermes terrestres: immediatamente elles sairão da terra, e morrerão. Uma só operação basta, ás vezes, para matar centenaes delles. — *J. dos C. Usuaes.*



TEMPLO DOS DEUSES INFERNIAES.

A ANTIGA CIDADE DE PANONIAS.

PANONIAS era uma cidade, que no tempo dos romanos existia onde hoje vemos um logar ou aldeia, chamada Assento, freguezia de Valdenogueiras, no termo de Villa-real. — Nenhum dos antigos escriptores, ou dos modernos fallou desta cidade, senão o P.^o Argote [nas Memorias do Arcebispado de Braga] o qual a este respeito fez todas as indagações possiveis, para com miudesa e exaçoção descrever os monumentos que restam dessa antiga cidade do Portugal romano. Do seu livro tirámos nós em resumo a noticia que acerca dessa antigualha vamos dar aos leitores, bem como a copia das estampas que a acompanham.

A existencia de Panonias está provada pelos vestigios de povoação romana, que por aquelle sitio se encontram, e que consistem em varias paredes e muralhas, que representam ser d'entulho de edificios, e ha tradição de que a pedra delles se conduziu para fabricar os muros de Villa-real, d'onde dista obra de tres quartos de legua. “Quotidianamente, diz o P.^o Argote, os lavradores, quando aram, arrancam pedras lavradas, e frisos de diferentes feitios, como tambem telhas, tijollos, e telhões, tudo de barro mui fino e eucarnado, que não ha por aquellas partes; e nas paredes da igreja e casas se acham, incorporadas nelas, capiteis, bases, pedaços de columnas redondas, frisos, canos, e outras muitas obras, tudo de marmore bem lavrado, e columnas de jaspe e pedra graã miuda e muito fina; e nas casas do reitor daquella igreja se acham mettidas nas paredes pedras com letreiros, e pela fórma com que estão assentadas mostram que foram alli postas para fazer corpo de pa-

rede, e não em rasão dos letreiros, o que tudo é prova evidente de povoação romana, junctamente com outras antiguidades, que alli existem. . . .”

“Corrobora-se isto com muitos documentos do tempo de elrei D. Affonso 3.^o e D. Diniz, que dizem se chamava aquelle territorio de Panonias; e posto que não digam foi fundação dos romanos, comtudo vemos que o vulgo ainda hoje dá este nome ás obras romanas, que alli existem, e lhes chamam as Panoyas de Valdenogueiras.”

Depois de mais algumas reflexões para provar a existencia daquella cidade romana, Argote passa a transcrever as relações dos antigos monumentos que alli se acham, mandadas pela camara de Villa-real, e pelo parochó de Valdenogueiras á Academia d'Historia por ordem de D. João 5.^o

Estas relações se limitam á descripção de um monte, que jaz entre a Honra de Gallegos, S. Pedro de Valdenogueiras, e o logar do Assento, no qual há muitas fragas, com uma especie de caixas, abertas ao picão, facetadas, e, em algumas, inscripções, o que tudo veio acompanhado com varios desenhos representando todas as dictas fragas, os quaes o P.^o Argote copiou na sua obra.

Estes fragões são onze: a sua fórma é irregular, posto que seja em geral plana a summidade de quasi todos. Estão collocados irregularmente pela encosta, uns ao sul, outros ao norte, outros, emfim, ao nascente, em diversas alturas: — em todos elles ha no cimo umas especies de tanques, de diferentes feitios, n'uns mais, n'outros menos: em alguns descem como uns estreitos poços redondos ou quadrados, que parecem corresponder a aberturas semelhantes, aber-

tas horizontalmente nas faces lateraes do penedo. Alguns destes fragões são de notavel grandeza, havendo-os de sete, nove, e doze varas de comprimento: ha para elles accesso ou por escadas entalhadas na pedra, ou por uma rampa; finalmente, falta em alguns todo o signal de que ahi houvesse meio facil de subir ao seu cimo. A inscripção, que se acha na fraga representada no principio deste art.^o é, segundo a lê Argote, a seguinte: *Dius Severis Localis in Hoc Templo Gneus Caius Calpurnius Rufinus*; que quer dizer: *Gneo Caio Calpurnio Rufino aos deuses severos alojados neste templo.* — No proximo artigo daremos a vista d'outro destes curiosos penedos, e fallaremos do seu uso e significação.

OS BAPHOMETOS OU OS MYSTERIOS DOS TEMPLARIOS.

EM um dos volumes da collecção, intitulada *As Minas do Oriente*, vem uma memoria curiosissima do celebre orientalista Hammer, o *mysterio do Baphometo revelado, ou os Templarios convencidos, pelos seus proprios monumentos, de terem sido gnosticos e ophitas, e como taes, culpados de apostasia, d'idolatria, e d'impureza.*

É vulgarmente sabido que os templarios foram accusados de adorar certos idolos, chamados cabeças de Baphometo. Mr. de Hammer descobriu uma duzia delles no gabinete imperial de antiguidades em Vienna. Tinham-se persuadido de que eram idolos do Thibet. Mr. Hammer leu as inscripções arabes, gregas, e latinas que nellas estão escriptas, e explicou os symbolos de que estão cubertos. O nome do idolo Meté, isto é, a razão, ou a sabedoria em lingua grega, se reproduz nelles por toda a parte, acompanhada de doutrinas gnosticas, e de abjurações da fé christã. Da palavra *Meté* e de *Baphé*, baptismo, se formou a de *Baphometo*, que significa baptismo do espirito, e que allude ao baptismo de fogo dos antigos gnosticos. Conforme as idéas destes, e particularmente da seita dos ophitas, a *Meté* é representada, nestes idolos, por uma figura humana, que reúne os attributos de ambos os sexos. Acompanha-a uma cruz truncada, ou a *chave da vida e do Nilo* dos antigos egypcios, que se parece com um T; a serpente, tão affamada em todas as mythologias; a representação do baptismo do fogo, e além disso muitos outros symbolos, como o sol, a lua, uma cadêa, um candieiro de sete lumes &c. Tres idolos, que vem copiados na collecção intitulada *Curiosidades historicas e litterarias*, teem o nome de *Meté* escripto com caracteres arabicos. A mesma inscripção se acha em muitas medalhas que até agora se não haviam podido explicar.

Tres vasos de pedra do gabinete de antiguidades em Vienna teem as mesmas inscripções, os mesmos symbolos, e representam, além disso, as orgias impuras dos ophitas, ou adoradores da serpente. São, evidentemente, estes vasos os calices do baptismo de fogo, visto achar-se tanto nestes baixos-relevos, como aos pés da *Meté*, que tem o neophyto, ou iniciado nos braços, por cima das chammas, que saem do vaso. Em um destes baixos-relevos está representada toda a cerimonia do baptismo de fogo. A *Meté* apparece duas vezes nestes vasos na fórma d'um androgyno [homem-mulher] rodeado de uma cadêa, e tendo na mão a chave da vida, ou o T, que, entre os ophitas, tem o nome de madeiro da vida, ou chave dos conhecimentos. É este caracter baphometico por excellencia; os idolos teem-no gravado na testa, e pelo processo dos templarios se sabe quan-

tas vezes se tractou delles nas perguntas que lhes faziam.

Presentemente estes idolos, hieroglyphicos, symbolos, e inscripções se acham nos castellos, egrejas, e sepulturas dos templarios. Nos *Archivos d'Historia e de Geographia*, de 1818, se lê a descripção d'uma igreja de templarios em Schoengraben, onde muitas esculpturas representam não só a *Meté*, mas tambem o seu perpetuo antagonista, o demonio Jaldabaoth, com o seu emblema, o leão, e com o principal hieroglyphico gnostico, a grande serpente devorando uma creança; hieroglyphico, cuja explicação se acha em S. Epiphanio. Heres. XXVII—§ 10. As mesmas representações se encontram na igreja dos templarios em Ebenfurt, e em muitas outras partes. As egrejas de templarios em Praga e em Egra na Bohemia, encerram os mesmos symbolos gnosticos; na primeira veem-se pintados nas paredes, e nas vidraças. Mr. de Hammer tambem os achou nas egrejas dos templarios em Steinfeld, e em Wultendorf na Austria. O conde Peleki na sua *Viajem á Hungria*, affirma te-los visto, taes e quaes, na igreja dos templarios de S. Martinho, na peninsula de Muran. O castello de Pottenstein na Bohemia, que antigamente foi dos templarios, tem a inscripção seguinte: *Signata Metis Charitas extirpat hostes:— assignalada com os Metés, a caridade acaba com os inimigos, o que só se poderia explicar pelo sentido occulto gnostico.*

Mr. de Hammer affasta-se ás vezes do seu objecto. Persuade-se de que demonstrou que o sancto-greal, esse vaso tão famoso nas novellas de cavalleria, não é, como alguns querem, o calice da sancta cêa, mas sim o do baptismo do fogo. Sustenta, além disso, que S. Jorge e o seu combate com o dragão não é mais que um hieroglyphico gnostico.

A conclusão desta memoria é, que os principaes chefes, os membros mais instruidos da ordem dos templarios, eram realmente apostatas, dados secretamente a ceremonias supersticiosas, e provavelmente tambem ás practicas licenciosas e impuras dos herejes, cujas opiniões seguiam. Não foi, por tanto, injusta a supressão desta ordem; e até o supplicio dos seus cabeças e doutores podia ser justificado, lembrando-nos de quaes eram as idéas do seculo que os viu perecer, se o processo inquisitorial, e o segredo que envolveu todo este negocio, excitando o horror e a desconfiança, não tivesse feito apparecer os templarios, como mais innocentes do que em verdade eram. Mas, ainda que fosse provado tudo aquillo de que os accusam, nem por isso o nosso seculo condemnaria menos a crueza e furor com que se confundiram no mesmo decreto de exterminio tantos milhares d'individuos, provavelmente estranhos aos mysterios da sua ordem.

OS GNOTICOS.

TENDO dado, no artigo antecedente, idéa da opinião d'Hammer, que mostra serem os celebres templarios gnosticos disfarçados, cumpre pôr tambem aqui uma noticia desta seita dos primitivos seculos da igreja, não só para mais clara intelligencia desse artigo, mas igualmente por ser de si materia grandemente curiosa.

Entre as varias seitas, que perturbaram a tranquillidade da igreja christã, a principal era a dos gnosticos. Gabavam-se estes orgulhosos philosophos de restituir ao genero-humano o conhecimento (*gnosis* em grego) do verdadeiro Deus. Tambem prophetisavam o proximo vencimento do *máu principio*, a

quem attribuíam a criação do nosso globo. Logo no principio da era christã se formou esta seita, como se vê de varias passagens do testamento novo; mas só teve grande vulto no tempo do imperador Adriano. Cumpre notar, todavia, que debaixo da denominação de gnosticos se comprehendiam todos aquelles que corrompiam a doutrina do Evangelho com a mistura profana dos principios da philosophia oriental, ácerca da origem do mal, e da criação do mundo.

Era da philosophia oriental que os gnosticos christãos derivavam a sua origem. Um dos principios fundamentaes desta philosophia era que as almas racionais estavam captivas na materia corrupta, contra a vontade do Ente Supremo; todavia neste systema se davam esperanças de futura regeneração. Os sabios do oriente esperavam a chegada ao mundo de um mensageiro do Altissimo, que devia allumiar os homens e livra-los da servidão e das trevas. Quando, portanto, alguns destes philosophos viram que Christo e os seus sectarios obravam milagres espantosos, e uteis ao genero-humano, tiveram-o em conta do mensageiro que esperavam, para livrar o mundo dos *genii* ou espiritos malignos, aos quaes, segundo a sua doutrina, elle estava sujeito, e para libertar as almas do dominio da materia corrupta. Nesta supposição tractaram só de conciliar o christianismo com as suas opiniões philosophicas.

A doutrina gnostica, concernente á criação do mundo por um ou mais entes inferiores de má, ou pelo menos imperfeita natureza, fazia com que negassem a auctoridade dos livros do Testamento velho, que contrastava as suas opiniões. Levados pela aversão a estes sagrados livros, celebravam a *serpente*, primeira auctora do peccado, e veneravam os mais detestaveis malvados de que faz menção a historia sagrada: aborreciam Moysés e a religião que elle ensinára, asseverando que impondo leis tão severas aos judeus, fôra a isso movido pelo maligno auctor deste mundo. A persuasão, em que estavam, de que o *mal* residia na *materia*, como seu centro e origem, fazia com que não tractassem o corpo com o respeito que lhe é devido; tornava-os contrarios ao matrimonio; e levava-os a rejeitarem a doutrina da resurreição dos corpos, e a sua futura reunião com as almas. Tambem a idéa de que os genios malevolos presidiam á natureza os fazia applicarem-se ao estudo da magica, para despertar as potencias, ou suspender a influencia desses malignos agentes.

As noções desta seita ácerca de J. C. eram impias e extravagantes. Posto que o tivessem em conta de filho de Deus, mandado do *pleroma*, ou morada do Eterno, para reunir os homens, diziam, todavia, que, por isso que era filho, era *inferior* ao pae, e rejeitavam a sua incarnação, suppondo que tudo o que fosse concreto e corporeo devia ser essencial e intrinsicamente máu. Daqui vinha que a maior parte dos gnosticos negavam que Christo tivesse tido *realmente* corpo, e que *realmente* tivesse padecido na cruz, não tendo vindo á terra senão para livrar as almas humanas dos seus tyrannos, e separar o bem do mal.

Havia duas especies de gnosticos, quanto á moral practica. A maior parte da seita vivia vida mui austera, recommendando abstinencia rigorosa, e asperas mortificações, na persuasão de que isto servia para purificar o espirito e dispo-lo para a contemplação das cousas celestiaes. Mas nem todos eram deste pensar. Alguns sustentavam que não havia differença nos actos humanos; e assim, confundindo o justo com o deshonesto, davam redeas largas a todas as paixões. Nem é de admirar houvesse entre os

moralistas gnosticos esta differença; porque se examinarmos a materia com attenção veremos que a mesma doutrina póde produzir os dois contrarios pareceres. Considerando elles o corpo como origem e centro de todo o mal, os membros da seita que eram de austera e tarda compleição, inclinavam-se a mortificar e combater o corpo como inimigo da alma; e os que eram propensos aos gosos e regalos consideravam os actos corporeos como indifferentes á alma, em communhão com Deus.

Tão extraordinarias doutrinas precisavam de uma auctoridade indubitavel em que se firmassem; e não a achando nos escriptos dos evangelistas ou dos apóstolos, recorria-se a fabulas e estratagemas. Quando os gnosticos eram desafiados para apresentarem as fontes donde tinham tirado tão extravagantes opiniões, citavam escriptos imaginarios de Abraham, de Zoroastro, de Christo e dos apóstolos: outros gabavam-se de ter colhido essas opiniões de certas doutrinas de J. C. não reveladas ao vulgo; outros affirmavam que tinham chegado a este sublime gráu de sabedoria pelo vigor do proprio ingenho; e outros referiam que haviam sido instruidos nesta mysteriosa parte da sciencia theologica por Theudas, discipulo de S. Paulo, e por Mathias, amigo de J. C. Aquelles gnosticos que não rejeitavam inteiramente os livros do Novo Testamento, não sómente interpretavam estes sagrados livros do modo mais absurdo, mas tambem os corrompiam perfidamente, tirando umas cousas, e accrescentando outras, para supprimirem o que lhes era contrario, e introduzirem alguns textos que se conformassem com o seu pernicioso e extravagante systema.

VIAGEM DO CAPITÃO BACK AO POLO.

(Conclusão.)

Os PERIGOS experimentados durante o inverno foram taes que a tripulação do *Terror* viu-se na precisão de chamar em seu auxilio toda a robustez d'animo, e todos os recursos que tinha no meio do seu desamparo, para não se deixar soçobrar moralmente. Ora, começando a quebrar-se o gêlo, vinha-lhes a esperança de poderem ir fundear em um surgidouro seguro: ora descaíam para mais de duas milhas de distancia da costa, juncto da qual se amontoava a neve até trinta e quarenta pés d'altura, rangendo e estourando descompassadamente. Para não serem esmagados, neste derivar do gêlo solto para a praia, podiam só ater-se a não se quebrar a especie de vidraça immensa, em que o navio estava como embebido, e a dissolução da qual elles tinham d'antes desejado tanto. Resistia esta, com effeito, aos movimentos causados pelos temporaes, e aguas vivas, quando, por fim, sem nenhuma causa externa aparente, muitas milhas do gêlo, de que ella era composta, se fizeram pedaços, chegando a ruina mui perto do navio. A destruição destes campos de gêlo, proveio certamente da acção simultanea das marés, das correntes, e do vento, não tendo talvez o sol nenhuma influencia nisso. Quando se quebra assim o gêlo, não se fórma outra camada delle por baixo, por que a propria neve que cae e o balouçar das ondas o embaraça, se uma e outra cousa se dá. A união e accumulção do gêlo só então succede nas angras ou bahias, que estão resguardadas por cabos ou promontorios, ou em paragens, onde a acção das correntes e marés é menos poderosa; e tambem n'outra qualquer parte, quando ha ventanias, que amontoam mólés sobre mólés, estendendo-se a agglomeração e pressão a ponto de formarem uma grande ilha. A

idade do géllo conhece-se pelas suas diversas cores. O capitão Back descreve altas lombadas de géllo, amarellas e pardas, por terem muitos annos, sobresaindo como manchas immensas sobre a triste alvura daquelles ermos.

Durante o inverno os movimentos do géllo foram o maior motivo de susto que a gente do *Terror* teve. As vezes vinham grandes montanhas ameaçar o navio de total ruina. Outras vezes o pedaço, de que dependia a segurança delle, estourava, e punha-o em risco de ser despedaçado pela pressão, se a ella ficasse exposto: o que chegou a acontecer, e a tal ponto, que espremia o alcatrão das costuras do casco. Em um destes terriveis apertos, tal foi o perigo em que se acharam, que, depois de uma breve falla á maruja ácerca do cumprimento dos seus deveres, se fizeram todos os preparativos para um naufragio. Durante estes periodos de agitação poucos tinham animo de dormir; e sendo mui difficiloso vestir depressa a grande porção de fato, que a asperesa do frio obrigava a trazer, a tripulação não ousava despir-se. Para completar os preparativos para o que desse e viesse, construíram-se trinta e seis trenós, ou zorras. Muitas vezes as mãos se ergueram ao ceu, e os doentes se vestiram, á espera da catastrophe, para a qual tantos perigos tinham já preparado aquella pobre gente: muitas vezes, tambem, o navio foi erguido ao ar pela violencia da pressão repentina. Ainda se viram em outros perigos, mais medonhos, no entender do capitão Back, como foi quando uma desconforme montanha de géllo levou em cima de si o navio, tendo-se acabado justamente de pôr lestes as lanchas. Nesta occasião chegou-se a reunir um conselho, em que entrou a maruja, para saber o que se havia de fazer.

Os sons que acompanhavam o luctar das mólles de géllo eram, em verdade, espantosos. As vezes ouviam-se esmigalhar, com um som rouco, batendo contra os rochedos da costa: outras soava um estouro, e depois ouvia-se um ruido rapido e retumbante, ou um estranho som de fervura, que denotava ter havido alguma fractura na planície vidrenta do géllo. Retumbava tambem certo estampido semelhante á explosão de peças d'artilharia, e ás vezes o aballo se assemelhava a um tremor de terra. Mólles enormes de géllo vinham movidas por força irresistivel, e passando sobre as lanchas ao navio, ameaçando-o d'immediata ruina, seguiam ávante, no meio de discorde, e horroso ruido.

Deu, por fim, o tempo mostras de vir mais branda quadra; mas a situação do navio era desesperada como d'antes. A 16 de Junho de 1837 ainda não havia o menor indicio ou apparencia de um pedaço de mar desembaraçado; porque, volvessem-se os olhos para onde se volvessem, não davam senão com o branco fulgor a que estavam acostumados.

Neste dia — tendo estado preso desde Outubro do anno antecedente, á entrada do estreito gelado — o navio foi arrastado pelos gélls em que estava mettido, para o estreito de Hudson, sem que a tripulação podesse guia-lo nem para traz, nem para diante. Então reuniu-se um conselho dos officiaes do navio com assistencia do medico Donovan para se examinar se tanto o navio como a marinhagem estavam em circumstancias de aguentar outro inverno do polo arctico, no caso de apparecer algum meio de proseguir a viagem. Pelo medico soube o capitão Back que outro inverno como aquelle seria fatal a muitos dos officiaes e dos marinheiros; e ao mesmo tempo provou-se que o navio estava em tal estado, que seria perigosissimo o proseguimento da viagem.

No 1.º de Julho a temperatura tornou-se anteci-

padamente fria, o que era de máu agouro: começou o géllo a formar-se; e a situação do navio começava a ser ainda peor do que fôra um mez antes. No dia 11, porém, o navio deu pelo leme, com grande grita da marinhagem, que não cabia em si de contente, e as mólles de géllo que o tinham rodeado por nove mezes desapareceram. Tinham morrido tres homens durante aquelle longo captiveiro: alguns ainda estavam doentes; e tendo-se pedido o parecer por escripto dos officiaes e do mestre, consideradas as difficuldades da empresa, assentaram unanimemente que deviam tornar para Inglaterra. No dia 13 o navio se viu n'um risco como ainda não passára, em consequencia de se erguer de repente á tona d'agua uma montanha de géllo que se havia submergido. Tornaram-se a desgatar e arrear as lanchas com brevidade e animo desassombado; nenhuma obrigação deixou de se cumprir, posto que se achassem todos nas bordas de um abysmo de morte; as bombas continuaram a trabalhar, e sem interrupção se foi examinando o estado da arca da bomba. Para vencer este novo obstaculo, determinou-se cortar o monte de géllo que tinha cinco braças de grossura, obra em que se trabalhou sem descaço, chegando a maruja a andar machinalmente com os olhos fechados de somno. O capitão dera ordem para que a gente descangasse duas horas, quando de repente o navio se moveu, com grande prazer da marinhagem.

A 15 de Julho o arruinado navio tinha posto a proa no rumo de Inglaterra; mas perigos e difficuldades ainda o rodeavam. A agua corria como em uma cascata dentro do desconjunctado casco, e cada vez crescia mais em altura no porão: um temporal metteria infallivelmente a embarcação a pique. No dia 31 d'Agosto, pela volta da meia-noite, o navio começou, com effeito, a afucinhar, porque a maruja de cansada já não podia dar á bomba. Reanimaram-se, todavia, e, ajudados dos officiaes, não deixaram augmentar a agua. Conheceu-se então que era necessario tomar o rumo do porto mais proximo: o navio ia muito ronco, e a 3 de Setembro lançou ferro na angra de Lough-Swilly, na costa de Irlanda. Passou-se a noite com grande alegria; porque havia quinze mezes que o som das cadeias d'ancora não tinham soado nos ouvidos dos marinheiros. É indisivel o que aquella pobre gente sentiu no outro dia ao ver montes, valles, verdura e habitações, e esse sentimento augmentou quando começou a soprar um forte terreno, que se tivesse vindo um pouco mais cedo os teria lançado ao largo, onde necessariamente naufragariam. Foi impossivel, ainda ajudados da embarcação guarda-costa, impedir que o navio fosse a pique, e não tiveram mais remedio senão dar á costa, como unico meio de salvação. Assim terminou uma expedição, que, desde o principio até o fim parecia condemnada a encontrar só infortunios e obstaculos. Quando se examinaram as avarias que tinha padecido o *Terror*, todos ficaram espantados de que elle houvesse atravessado o Atlantico. A narração do capitão Back, d'onde esta noticia foi tirada, é uma das mais curiosas entre as curiosissimas viagens polares, e contrastando a narração da viagem de Bragg, d'algum modo a completa.

PERGUNTADO certo philosopho, qual era a côr que melhor assentava no rosto d'uma mulher, respondeu, com tanta agudeza como verdade, que a do pudor.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.